

Doutora em Psicologia pelo Núcleo de Estudos e Pesquisas da Subjetividade da PUC-SP. Atua como pesquisadora, professora, jornalista e consultora de projetos criativos e acadêmicos. É autora de *Moda contemporânea: quatro ou cinco conexões possíveis* (São Paulo: Anhembi Morumbi, 2004).

E-mail: kekei@comum.com



Signo de operações mercantis, encontros amorosos, deslocamentos e transformações, trocar é verbo que pressupõe relações, seja com objetos, com espaços, com o outro ou consigo mesmo. Como substantivo e no contexto de investigação de Thais Graciotti, a troca assume um sentido singular: aproxima-se do intercâmbio, da permuta ou, ainda, da mudança, da inversão e da confusão. Foi assim que a artista decidiu nomear o trabalho que iniciou no ano de 2004, no qual convida pessoas para experimentar a reinvenção da aparência e a roupa como dispositivo que aciona múltiplos sentidos do trocar.

Convidada pelo *zigzague*¹ para a conversa transversal *Roupas em troca: pele, desapego e memória*², Graciotti se apresentou fazendo confluir diferentes linguagens – *styling*, vídeo e texto – com uma poética particular. Enquanto na tela pessoas trocavam suas roupas e se reinvestiam de formas, cores e usos, a artista narrava seu texto que fluía num ritmo quase musical, se misturava à trilha sonora, permeava imagens de gente disposta a trocar, gente que se despia e novamente se vestia, reinventando a roupa que, anteriormente, estava no corpo do outro.

Essa trama, que embaralhava os sentidos, convidava o público a compactuar com um *styling* desconcertante: aquele que não aponta para um *bem vestir*, muito menos para o encontro do estilo X ou Y, mas sim para uma certa abdicção da produção de moda, em nome do desafio de pensar roupas em dimensões relacionais e corpos dispostos a "mutações sensíveis". A origem das intenções da autora reafirma seus desejos de propor a troca para instaurar novas sensibilidades: "Como aluna do curso de pós-graduação em *Criação de imagem e styling de moda*³, eu me perguntava sobre o poder do *stylist* e sobre que tipo de saber poderia conferir a alguém o poder de vestir o outro". Inquietações dessa natureza provocaram em Graciotti idéias tais como "roupa que flui como líquido", "provador sem espelhos" e "contaminação com o outro", imagens que parecem ter moldado os primeiros sentidos de *Trocas*, desdobrados no texto que se segue.

"Culpa da respiração", comenta a autora sobre as *Trocas*, lembrando que pele, memória e outras instâncias plenas de vida contornam e atravessam não apenas os corpos, mas também os tecidos e as roupas que movem nossas relações.

Imagens da exposição *Trocas* realizada na Galeria GAEU (ES) entre novembro e dezembro de 2006.



[THAIS GRACIOTTI]

Mestranda em Psicologia pelo Núcleo de Estudos e Pesquisas da Subjetividade da PUC-SP; pós-graduada em Criação de imagem e styling de moda (Senac/SP); e graduada em Artes Plásticas e em Moda. Atualmente integra a equipe de curadoria do *zigzague* e colabora com a *Olho imagem de moda* transitando nos campos da moda e da arte. É professora do Departamento de Moda da Faculdade de Belas Artes de São Paulo e da pós-graduação em Criação de imagem e styling de moda do Senac São Paulo.

E-mail: thaisgraciotti@gmail.com

Trocas



Começo em trânsito. Desejo de deslocamento para compartilhar com o outro uma conversa confusa, equivocada mesmo, mas que mude algo, que inverta, converta, substitua, transforme, troque, toque. Um escambo de si, uma troca com o outro e comigo mesma. Um t(r)ocar.

Jogo-me de corpo inteiro em uma rota sem bússola, sem certezas, mas na busca de uma troca, seja ela qual for, em suas mais variadas formas. Espero o inesperado, mas vou, para ver, registrar e sentir o processo dessa troca ainda em esboço de desejo, mas cheia de vontade de trocar e tocar novos diálogos com o corpo, com a roupa e com o outro. Seja lá quem for que queira entrar nesse provador sem espelhos, sem cortinas e com fôlego para desapegos, pois as trocas nem sempre são simétricas, às vezes não se recebe de volta o que se dá, ficando completamente desconcertada na nudez da solidão. A troca pode ser uma substituição por outros caminhos, até mesmo um rasgo daqueles sonoros, estridentes, de roupa apertada que é inadequação no próprio corpo. Por isso já aviso: é de se entregar.

Deixo-me levar com olhos difusos, tateando o sensível para manter os botões desabotoados e a costura frouxa para intervenções que ainda virão. Impulsionada por lembranças flutuantes, escolho um recorte do mapa onde há resquílios de encontros outrora intensos.

Aporto.

Dia frio, em meio a uma arquitetura de canto e quina, o branco e o cinza tomam conta do ar, um por entre prédios e pôr-do-sol. Lugar frágil, um estar frágil.

Num estado de transitoriedade, o encontro. Pessoas vão surgindo na paisagem vertiginosa, amigos de amigos, conhecidos-desconhecidos. Sutilmente, a intimidade toma conta.

A intenção é de desorientação. Sem muitas explicações sobre a proposta da ação, busco uma provocação ao outro, para que se efetuem possibilidades múltiplas e imprevisíveis na incerteza que permite aberturas. Um pouco da minha sensação de trânsito neste outro que se permite às trocas.

Deslocar de meu lugar geográfico e de pensamento para experimentar e perceber de outras formas, a partir de outros lugares, como o outro, com o outro e o outro. Não ser um intermédio, nem produtor, nem inventor de uma idéia, muito mais um provocador, pois não busco a propriedade sobre algo nessa busca, apenas potencializar espaços de discussão através desse deslocamento desconstrutivo.

Proponho a troca a partir da roupa e do(s) outro(s). Desconstrução e reconstrução é sugestão para a ação, mas a troca deve ter o ritmo e o tempo necessário de cada um, vamos sentindo juntos.

O registro, feito por uma simples câmera fotográfica que filma apenas alguns instantes de minutos, não só obriga, como permite a constante repetição.

A ação começa. Pequena em minhas mãos, a câmera torna-se imperceptível no



ambiente, não fosse minha presença ali, meu corpo próximo ao deles, mas que logo percebo também fazer parte da ação, mesmo que sejam eles no comando e eu em silêncio absoluto. Mas por vezes sou eu quem troca, do lugar do *voyeur* para a ação do trocar.

O repetir constante torna a ação confortável, ajuda a sintonizar os corpos, mesmo que fora de ritmo. A troca efetua-se então como processo, um ensaio infundável de si que nunca é o mesmo ao voltar do começo. Talvez por isso, o desejo de continuar e continuar e continuar...

A pele torna-se permeável e as roupas fluem como líquido, não se fixam no espaço-tempo, elas vazam, pingam, filtram-se no outro corpo e vice-versa.

Os olhos aos poucos se acomodam ao volume do movimento das roupas em movimento. As formas se fluidificam e atravessam a parede invisível entre um e outro, lá e cá, dentro e fora. Numa troca de singularidades que não se esgotam, busca-se a contaminação do outro em si.

Os corpos desaconchegados compartilham sua memória com a saia, com a blusa. O vestir sopra singularidades de um momento que se deseja constantemente significar. A roupa é desenhada e redesenhada no corpo e pelo corpo, onde formas se subvertem para criar novos sentidos dessas vivências em processo, criando aberturas às experimentações em sua maior potência, se permitindo "trocar" através da sua própria roupa e a do outro.

Camadas surgem a cada botão desabotoado, no zíper que abre, dando a sensação de que se trata de lugares estranhos, que são vistos pela primeira vez e, no entanto, deixam uma memória que tenta recuperar vazios esquecidos.

O cheiro, o ruído da roupa estranha. Movimento que promove outro movimento, rastros de si num corpo outro. Quando tocado por outra presença em seu corpo, a ausência de si transforma-se no diálogo de uma mistura que não tem mais volta.

Por vezes a sincronia entre um corpo e outro se quebra. Culpa da respiração. O cheiro, a sensação não da pele, mas da roupa-pele que é casca, é fora, agora atravessada por intensidades infinitas, se confundem entre o dentro e o fora. A consciência corporal da experimentação adapta a roupa a partir dos movimentos sutis. Desconforto. As peças chegam sem recusas, e por medo de não encontrar um lugar certo, logo se descobre na ajeitação, sujeitação/sujeição da mão do outro o desajeitado do inesperado.

Mas a vulnerabilidade também faz parte desse trocar. Em uma nova textura sensível, a ausência de um lugar fixo. A transparência dos corpos ressalta o excesso de exposição de suas camadas e extratos de universos subjetivos que por consequência provoca a estranheza de si mesmo e desse corpo que o invade. Mesmo trocando parcerias, há o medo de esvaecer em meio a tantas reconfigurações. Mas é impossível domesticar esse estranhamento.

É um desafio pensar o corpo em suas dimensões sensíveis, encarar mutações para então inventar novas possibilidades de trocas. Mesmo que tenha que se deixar escapar na assimetria da diferença desse outro que por vezes somos nós mesmos. Buscar desvios pela tangente, encontrar ou reencontrar o máximo de conexões possíveis, requer toda uma ginga para mergulhos em experimentações sobre si mesmo e sobre a distância que nos separa. Conquistar uma liberdade de ir e vir, torna-se uma condição de possibilidade sensível de estar no mundo, de vir a ser um devir outro de cada um. Até a próxima troca.

NOTAS

[1] *ziguezague: desfiles incríveis, conversas transversais*, oficinas transitivas, evento paralelo ao São Paulo Fashion Week, realizado pelo MAM e pelo Senac São Paulo, com curadoria de Cristiane Mesquita.

[2] Realizada no dia 17/6/2007, com a participação dos artistas Marcio Banfi, Marilá Dardot e Thais Graciotti e mediação de Rosane Preciosa.

[3] Entre 2003 e 2005 no Senac São Paulo Lapa Faustolo.